

A SÍNDROME DE FLORENÇA ou “SÍNDROME DE STENDHAL” PARTE 1

Quando se começa o Capítulo “Renascença”, gestada em Florença, esse umbigo do Mundo da Arte, onde é sabido, com base em bom cálculo feito por gente que conta, que 20% das obras mais importantes da História da humanidade originaram-se nessa cidade, há que contar o que vou contar, por mim, que tive a felicidade de visitá-la tantas vezes, na companhia de Miriam. Assino em baixo, sem pestanejar. Apesar de jamais ter sido acometido pela Síndrome de Florença (ao menos não na intensidade de exemplos que vou citar a seguir) cheguei perto.

Então conto:

em 1817, Henri-Marie Beyle, nome do escritor mais conhecido pelo pseudônimo Stendhal (autor, dentre outras obras de sucesso, “O Vermelho e o Negro”) foi a Florença; ao visitar a igreja de Santa Croce foi tomado de estranha combinação de sintomas e emoções, com palpitações e tonturas. Um “estranho desassossego” (sic) se apossava dele, já desde as vésperas da ida até lá, antevendo o prazer de fruição artística que sabia esperá-lo; mas quando chegou, extrapolou. O que culminou ao entrar na referida igreja. Descreveu o que sentiu assim (em dois trechos de diário da viagem, que chamou de “Nápoles e Florença: Uma viagem de Milão a Reggio”):



Henri-Marie Beyle, ou Stendhal (Grenoble, França, 23 de janeiro de 1783 - Paris, 23 de março de 1842)

Florença, 22 de janeiro de 1817: Ao chegar a Florença, meu coração batia com força... em uma curva da estrada, meu olho mergulhou na planície e percebi, de longe, como uma massa escura, Santa Maria Del Fiori e sua famosa cúpula, obra-prima de Brunelleschi. Eu me dizia: ‘É aqui que viveram Dante, Michelangelo, Leonardo da Vinci! Eis esta nobre cidade, a rainha da Idade Média! É nesses muros que começou a civilização’... as lembranças se comprimiam em meu coração, sentia-me sem condição de raciocinar e entregava-me à minha loucura como junto de uma mulher a quem se ama... Eu já me encontrava em uma espécie de êxtase pela idéia de estar em Florença e pela vizinhança dos grandes homens dos quais eu acabava de ver os túmulos [Michelangelo, Alfieri, Machiavel, Galileu]... Absorvido na contemplação da beleza sublime, que via de perto, eu a tocava, por assim dizer. Tinha chegado ao ponto da emoção onde se encontram as sensações celestes proporcionadas pelas belas-artes e os sentimentos passionais. Saindo de Santa Croce, meu coração batia forte, o que em Berlim chama-se “nervos”; a vida esgotara-se em mim, eu andava com medo de cair...”

Cerca de 160 anos mais tarde (em 1979) a Doutora Graziella Magherini, chefe do serviço de Psiquiatria do Hospital de Santa Maria Novella (Florença), observando que muitos turistas que visitavam Florença sofriam ataques temporários de pânico (sic), que duravam desde momentos até diversos dias (analogamente ao que fora relatado por Stendhal), descreveu síndrome e lhe deu o nome do escritor:

“Síndrome de Stendhal” (usando, como sinônimo, “Síndrome de Florença”).

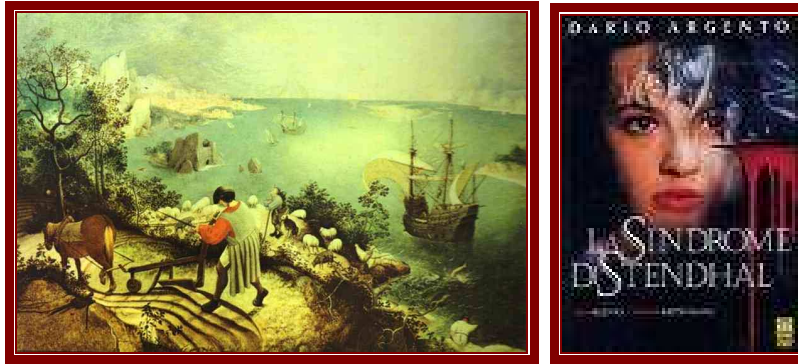
Apontou os sintomas dessa “doença psicossomática” (sic) assim:

aceleração cardíaca, tonturas, confusão mental, alucinações, angústia e desagregação, tudo surgindo quando o visitante (obviamente o que é sensível à beleza e não aquele que vai a Florença apenas para comprar bolsa de couro marchetado no Mercado Novo e comer “bisteca Fiorentina” com vinho chianti barato) é exposto a obras de arte, especialmente as particularmente belas, ao se expor à grande quantidade de obras artísticas em um único local (como é aí em Florença).

Tudo decorreria do desmesurado prazer na “fruição estética” de tanta Arte absolutamente arrebatadora e acumulada no reduzido espaço desta magnífica cidade.

A Doutora publicou sua tese em livro.

A par do conteúdo do livro há que contar, como curiosidade gratuita, que ele serviu de mote para que o cineasta Dario Argento produzisse um filme (“La Síndrome di Stendhal”), meio de “horror” (que não vi, mas quem viu me contou). É interpretado por Asia Argento, Thomas Kretschmann, Marco Leonardi, Luigi Diberti (com música de Enio Morricone). A personagem principal “sente” os “sintomas” quando está frente ao quadro “A queda de Ícaro”, de Bruegel, que estava exposto lá na Gal leria dele UFES:



Pieter Bruegel, o Velho: Paisagem com a Queda de Ícaro (1555). Óleo sobre tela. Museu Boymans-van Beuningen, Rotterdam, Holanda, e cartaz promocional do filme em pauta

Voltando ao livro da Doutora Graziella, nele se lê:

"Nas décadas de 80 e 90 eu era a responsável pelo serviço de saúde mental do Hospital de Santa Maria Novella, em Florença. Junto com meus colegas comecei a perceber a recorrência de casos de emergência de pessoas afetadas por um distúrbio psíquico repentino. Estudando cada um deles, identificamos alguns elementos em comum nessas pessoas, todas portadoras de grande sensibilidade emocional, que tiveram contato com obras de arte (aqui em Florença) e que eram turistas estrangeiros (de modo geral solteiros, adultos, jovens a de meia idade – os italianos, florentinos ou não, nunca apresentaram tais sintomas). O fenômeno nos pareceu digno de aprofundamento, principalmente porque esses indivíduos partiram de casa saudáveis, ou, pelo menos, psicologicamente equilibrados. Pesquisamos o problema durante dez anos. O nome escolhido para o distúrbio foi inspirado no escritor francês Stendhal (1783-1842), que descreveu em seu diário o transtorno emocional vivido a Florença (no momento em que visitara a Igreja de Santa Croce). A vertigem psíquica que ele sofreu foi tal, que o obrigou a sair da basílica para se recuperar. Exatamente como ocorre com nossos pacientes".